

A desnaturalização do computador no jornalismo

*Ronize Aline Matos de Abreu
Coppe/UFRJ
Centro Universitário Carioca*

Ivan da Costa Marques

IM-NCE-UFRJ

Concepção/adoção

Há diversas abordagens para se proceder à análise do surgimento e à avaliação de uma determinada tecnologia em um dado ambiente. A mais comum é a que privilegia a idéia de impacto buscando mostrar o impacto que a tecnologia impinge ao ambiente em que foi aplicada. Essa escolha está fundamentada sobre o paradigma modernista que separa natureza e sociedade, ciência e cultura, entre outras polaridades. Essa abordagem desconsidera que a tecnologia seja construída pela mesma sociedade que a utilizará e, portanto, pode ser entendida como vinda de fora e capaz de provocar algo entendido como um “impacto”. Em se tratando de Brasil, torna-se fácil entender por que é tão bem recebida entre nossos profissionais. Talvez por fazer parte dos países classificados como “em desenvolvimento”, o Brasil constantemente inclui-se na categoria de consumidor de tecnologia, e não produtor. Poderíamos sugerir, então, que tendo em vista na prática a tecnologia ser estrangeira, ou vir literalmente de fora, no campo analítico a analogia é difundida sem maiores contestações.

No entanto, o que queremos explorar aqui é outra versão da realidade, uma história da tecnologia menos difusionista. Partimos da visão de que a tecnologia não vem nem deixa de vir de fora, mas é concebida, adotada, reconcebida e readotada por essa mesma sociedade que a utilizará¹. Este estudo olha para o desenvolvimento de uma tecnologia sob o prisma a-modernista defendido por LATOUR² – em vez do pós-modernista que se supõe posterior à modernidade -, por afirmar que, na verdade, nem os europeus chegaram a ser modernos de fato, já que nunca deixaram de fazer híbridos. A Teoria Ator-Rede baseia-se na não separação entre natureza e sociedade, ciência e cultura, e desmistifica a idéia da existência “real” de um divisor entre o mundo das coisas-em-si (natureza ou técnica) e o

mundo dos humanos-entre-si (sociedade ou cultura). Negando este grande divisor, essa visão desnaturaliza os fatos científicos e os artefatos tecnológicos creditando-os a uma construção – sem, entretanto, reduzi-los ao ambiente social, já que são e são constituídos por objetos híbridos que foram criados/mobilizados nessa construção. Por juntar numa mesma relação, sem níveis hierárquicos, elementos humanos e não-humanos, essas construções são chamadas de sociotécnicas. O resultado são os híbridos - atores que não ocupam a posição nem de sujeitos nem de objetos e que também não podem ser considerados uma simples mistura de coisa natural e símbolo social³ :

Os modernos afirmam, de fato, que a técnica nada mais é do que uma pura dominação instrumental, a ciência puro arrazoado e puro ato (Das Ge-Stell), que a economia é puro cálculo, o capitalismo pura reprodução, o sujeito pura consciência. É o que fingem crer, mas é preciso sobretudo nunca acreditar neles completamente, já que aquilo que afirmam é apenas a metade do mundo moderno, o trabalho de purificação que destila aquilo que o trabalho de hibridação lhe fornece.

A presença do computador nas redações de jornal tende a ser naturalizada, principalmente para os novos jornalistas que adentram aquele espaço. Nossa pesquisa preenche esta lacuna histórica demonstrando que o processo de informatização de uma redação jornalística – particularmente no jornal O Globo – é uma construção na qual elementos humanos, como repórteres, copidesques, revisores, editores e diagramadores, e elementos não-humanos, como computadores, energia elétrica e arquitetura da redação, conformaram e foram conformados entre si à medida em que se relacionavam dentro da rede. Até chegar à estabilização, a rede de concepção/ adoção do computador na redação d'O Globo passou por negociações e adaptação mútua, local, que transformaram tanto os jornalistas quanto as tecnologias envolvidas.

O jornal que compramos na banca é a pontualização de uma rede que se desmembra na redação. Uma rede formada por atores humanos e não-humanos em interação constante. Essa rede mobiliza outras redes para que o produto jornal possa ser distribuído e vendido como um “objeto” de fronteiras definidas e desembaraçadas, entre elas a rede da direção da

empresa jornalística, a rede da impressão, a rede dos anunciantes, a rede da distribuição e a rede dos jornalistas. LAGE⁴, por exemplo, nos apresenta uma tradução para essa relação entre as redes, mas é preciso estar ciente de que não é a única possível, nem exclui uma multiplicidade de outras, todas desempenhando melhor ou pior determinados interesses ou propósitos, sob o risco de nos tornarmos excessivamente reducionistas:

Relação triangular em que o produtor de informação busca atrair o interesse de um público, que retribui consumindo produtos do sistema econômico-ideológico. Este gratifica o produtor de informação com verbas publicitárias, financiamentos e apoio social.

Adoção/concepção

Nossa abordagem busca uma avaliação de cunho construtivista da tecnologia, mas acrescenta ao construtivismo a visão de que os elementos ingredientes da construção variam ao longo da mesma ao invés de se manterem inalterados. Para dar início à análise e à avaliação, modelar o processo de concepção/ adoção de uma determinada tecnologia pressupõe responder a três questões analíticas⁵: 1) como identificar os atores que fazem parte dos processos de projeto e de adoção de tecnologias; 2) como explicar o desaparecimento de opções tecnológicas alternativas; e 3) como levar em conta o aparecimento de situações irreversíveis. Ressaltando que não há um limite fixo entre as etapas de concepção e adoção, sendo uma sempre sucedida pela outra, seguiremos a proposta de responder as três perguntas acima no que diz respeito à concepção/ adoção do uso de computadores na redação d'O Globo.

- 1 -

Antes da informatização das redações jornalísticas, o profissional da área podia ocupar as seguintes funções: repórter, redator, revisor e diagramador. O repórter era o responsável pela apuração (coleta de dados). Seu principal requisito era que fosse alguém capaz de garimpar informações mesmo nas situações mais adversas. Nem sempre tinha um texto bom, por isso sua matéria seguia para o redator. Esse era o profissional que, além de escrever muito bem, conhecia o estilo e a linguagem daquele jornal. Era ele que corrigia os

erros do repórter e ajustava a matéria dentro do padrão exigido para aquele veículo específico. Por fim, ainda havia o revisor, responsável pela confrontação do texto composto com o original. O diagramador era o profissional que fazia a programação visual distribuindo as matérias por cada uma das páginas do jornal segundo as orientações do editor.

A estrutura de chefia da redação do O Globo, na época da informatização, contava com um editor-chefe, Milton Coelho da Graça, e um chefe de redação, Henrique Caban. O editor-chefe cuidava de preparar a edição do dia, enquanto o chefe de redação administrava a redação. Em caso de grandes coberturas como, por exemplo, Olimpíadas, o chefe de redação também participava das decisões referentes à produção de matérias por parte dos repórteres. Na informatização do sistema, coube a ele administrar o processo de implantação e transmissão do conhecimento aos jornalistas, inclusive ao próprio editor-chefe. Se considerarmos o computador como um ator, podemos perceber desde já que ele alterou as relações de poder, a partir da divisão apresentada anteriormente, enfraquecendo a redação e fortalecendo a administração. Segundo CALDAS⁶,

A influência do editor-chefe, que podia quase tudo, até atrasar o jornal para esperar uma boa notícia, passou a ser dividida com executivos, engenheiros e técnicos que comandam a Circulação, o Comercial, o Industrial, desde que o que importa é a eficiência e a rapidez, a antecipação do horário de fechamento, a produção simultânea para diversas mídias.

Para que a informação fosse transformada em notícia ela percorria o seguinte caminho: o repórter ia para a rua apurar as informações necessárias, retornava à redação e escrevia a matéria na máquina de escrever. Esse texto seguia para o copidesque (como o redator era chamado no O Globo). Em seguida, a matéria ia para o editor que a avaliava e, caso percebesse necessidade de alguma mudança mandava-a de volta ao copidesque. Se o problema fosse de apuração, o texto voltava para o repórter. A exigência em relação ao repórter era de que fosse um bom apurador, porque o texto sempre passaria pelo copidesque e poderia ser melhorado. “Foi isso que fez alguns repórteres serem ótimos sem no entanto terem grandes textos. Muitos escreviam mal mesmo, mas tinham contatos. Isso valia mais do que o diploma de jornalismo”, declarou GRAÇA⁷.

Com a informatização há uma mudança de entendimento do que é um bom jornalista. GRAÇA⁸ conta que “paralelamente à implantação dos computadores na redação foi importante fazer uma revisão geral do quadro profissional. Não era mais possível que o repórter fosse alguém que soubesse apenas apurar bem, já que a forma como a tecnologia foi adotada exigia do repórter ter também um bom texto.”

Ele aponta essa decisão como sendo a única opção possível no momento, mas no entanto a forma de adoção de uma tecnologia envolve determinadas escolhas. Essas escolhas são realizadas na fase de concepção da rede, que envolve longas negociações sobre todos os atores envolvidos. Portanto, se foi necessário mudar o perfil dos jornalistas foi porque a identidade dos usuários do sistema foi estabelecida dessa forma.

- 2 -

GRAÇA⁹ conta que os repórteres que eram basicamente apuradores - e estavam concentrados principalmente nas editorias de Polícia e Cidade - foram eliminados logo no início. “Eram repórteres que não tinham diploma de jornalismo”, assinala. A forma de recrutamento dos profissionais também mudou. O então editor-chefe d’O Globo revela que se anteriormente o jornal buscava o malandro, o vagabundo, aquele que tinha contatos que podiam render matéria para o jornal, a partir desse momento o alvo é outro. “Aquele lado folclórico da redação morreu”, sentencia.

Para o anúncio da adoção da nova tecnologia junto à redação houve uma tradução de interesses no discurso utilizado pela direção do jornal e repetido pela pessoa que a gente poderia chamar de porta-voz da tecnologia: Rita Braune. De acordo com BRAUNE¹⁰, com a informatização o objeto jornal ficaria pronto mais cedo e, portanto, mais cedo estaria disponível para compra nas bancas de jornal. Isso ofereceria uma vantagem sobre seus adversários. BRAUNE¹¹ lembra uma reclamação feita pelo jornalista Ricardo Boechat, então n’O Globo, dizendo que cada vez que o jornal colocava um sistema novo os jornalistas tinham de se virar para fechá-lo mais cedo. Já GRAÇA¹² diz que, ao contrário, “O Globo podia se dar ao luxo de fechar depois de outros jornais porque o sistema *offset* eliminava a fase da linotipia e, com isso, a produção da chapa era muito mais rápida”. O tempo utilizado

para o fechamento era compensado pela ligação direta entre redação e oficina, propiciada pelos terminais da redação e pelas máquinas *offset* da oficina. A questão que surge é: quem se apropria do tempo ganho com a utilização do computador? Se a produção da chapa era mais rápida passaria a haver sobra de tempo que, no entanto, não foi transferida para os jornalistas. Logo, esse tempo foi apropriado pelas instâncias superiores dentro da redação, mantendo assim o poder de dispor do tempo na mão dos editores. Podemos mais uma vez verificar o computador agindo para fortalecer uma das redes envolvidas. Determinar o poder de cada ator significa determinar a extensão da rede de cada um. A rede de GRAÇA era mais forte por alistar mais aliados que a de Boechat, o que fazia dele o editor-chefe do jornal. O computador permitiria que algumas funções fossem assimiladas por um mesmo profissional reduzindo, com isso, o número de jornalistas e, portanto, os gastos. No entanto, o discurso utilizado para embasar a decisão junto aos jornalistas foi outro.

Para o editor-chefe, com o passar do tempo, no entanto, houve uma mudança de percepção da utilização da tecnologia pelos jornalistas. Não era mais apenas uma questão de manter os seus empregos, mas como aquela capacitação iria contribuir para a sua carreira. Ao negociarem, os atores acabam por modificar-se. “Eles perceberam que não dava mais para ser jornalista se não mexer com computador direito”, explicita GRAÇA¹³. Contribuiu para essa percepção o fato de outros jornais começarem também a informatizar as suas redações. Computador deixou de ser uma ferramenta apenas d’O Globo e passou a ser uma ferramenta do jornalismo. O que podemos observar é que os jornalistas se configuraram nesse momento como a rede mais fraca, já que O Globo tinha agora associações mais fortes que incluíam os outros jornais. O computador se tornou um ator agindo pelo jornal na busca por bons profissionais, era uma vantagem para o jornalista já conhecer a ferramenta.

Com a entrada do computador na redação d’O Globo, em 1985, o repórter passou a acumular funções anteriormente exercidas por outros profissionais do jornalismo. Ele era aquele mesmo jornalista que ali trabalhava, entretanto se tornou também um jornalista diferente dadas as mudanças pelas quais passou. Isso significa dizer que as mudanças não

eliminaram o antigo jornalista substituindo-o por outro profissional, e sim o metamorfoseou. A primeira função a desaparecer foi a de revisor. A forma como a tecnologia foi apropriada pelo O Globo fez com que a partir desse momento o repórter tivesse de ser não apenas ótimo na apuração mas também ótimo no texto. Passava a ser dele o texto final da matéria a ser publicada. A segunda função a desaparecer foi a de copidesque (redator), que continuou existindo apenas para casos específicos como, por exemplo, a editoria de internacional. Nesta editoria a grande maioria de matérias é oriunda das agências de notícias e cabe ao redator adaptá-las ao estilo do jornal. Juntamente com o texto final o repórter também passou a ser o responsável pelo título da matéria, o que não fazia anteriormente. “O processo de informatização da redação não foi só uma mudança de ferramenta de trabalho mas também uma mudança da cabeça do jornalista”, explicita BRAUNE¹⁴.

- 3 -

Não foi só o jornalista que se metamorfoseou com a adoção dos computadores na redação do O Globo. A própria redação enquanto espaço de produção do jornal e, principalmente, de relação entre os jornalistas sofreu mudanças que a transformaram em um novo espaço. Para receber os computadores foi projetada uma nova redação, com ar-condicionado no lugar dos ventiladores, bancadas para os terminais, iluminação adequada e outras mudanças. Isso provocou alterações no *modus operandis* do próprio jornalista. Ficou proibido comer e fumar dentro da redação para evitar a degeneração dos computadores. Alegavam que sem o cigarro não poderiam escrever suas matérias, assim como sem o barulho das teclas da máquina. Outros lideraram protestos porque diziam que a tela iria cegar as pessoas devido à radiação. “Mas eu não tive nenhum caso no O Globo de jornalista que não tenha aceitado o computador de jeito nenhum”, declara GRAÇA¹⁵. Nesse momento o que vemos é o computador impondo suas regras aos jornalistas.

GRAÇA¹⁶ reconhece que o “computador deu uma certa ordem, pois o fechamento era uma festa, chegava-se a tirar as mesas do lugar para jogar futebol. A partir daí as mesas não saíam mais do lugar, não se podia beber, fumar, isso eliminou a desordem”. Com isso, o bar ao lado do jornal passou a ser o lugar da festa após o fechamento. O computador

altera os hábitos das pessoas, já que não fazia mais sentido ficar na redação depois da hora. “Ou ia para o boteco ou ia para a casa”, diz GRAÇA¹⁷. A redação se transforma exclusivamente em local de trabalho – o que não era para a era do jornalismo romântico. Até falar já não se falava tanto. “A redação que era um lugar barulhento se transformou quase em um museu”, complementa.

Até mesmo a movimentação dentro da redação foi alterada. Costumava-se andar muito em busca das informações como, por exemplo, ir até o telex ver se o material que se estava esperando já havia chegado, até o setor de fotografia ou até o arquivo. Com o passar do tempo, “O Globo colocou na mão do jornalista tudo o que ele precisava para trabalhar. Ele não precisava mais levantar da mesa para ver as fotos que chegaram para a matéria que estava fechando, por exemplo”, explica DE LUCA¹⁸ (2003, Rio de Janeiro). Com isso verificamos que durante todo o processo de concepção/adoção da nova tecnologia o computador esteve agindo e modificando situações, fato que vem sendo ignorado em outras análises do gênero.

¹ Esta problematização do “dentro” e “fora” se junta à problematização de outras fronteiras, temporais, geográficas, econômicas e legais, associadas a instituições como, por exemplo, os estados, que escondem a precariedade por trás da naturalização.

² LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 2000, p.65.

³ *Ibidem*. *Idem*.

⁴ LAGE, NILSON. *Ideologia e Técnica da Notícia*. 3 ed. Florianópolis: Editora Insular, 2001, p. 31.

⁵ CALLON, MICHEL. “Technological Conception and Adoption Network: Lessons for the CTA Practioner”. In: Rip, A., Misa, T. J., Schot, J. (eds), *Managing Technology in Society*. London and New York: Pinter Publishers, 1995, p. 308.

⁶ CALDAS, Álvaro. “O desafio do velho jornal é preservar seus valores”. In: CALDAS, Álvaro (org.), *Deu no jornal – o jornalismo impresso na era da Internet*, 2ed. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, p. 18.

⁷ GRAÇA, Milton Coelho da: depoimento [17-06-2004]. Entrevistadora: Ronize Aline Matos de Abreu. Rio de Janeiro: Coppe/UFRJ, 2004. 1 mini-fita cassete (120 min).

⁸ *Ibidem*.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ BRAUNE, Rita: depoimento [25-09-2003]. Entrevistadora: Ronize Aline Matos de Abreu. Rio de Janeiro: Coppe/UFRJ, 2004. 3/4 mini-fita cassete (90 min).

¹¹ *Ibidem*.

¹² GRAÇA, Milton Coelho da. *Op.cit*.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ BRAUNE, Rita. *Op.cit*.

¹⁵ GRAÇA, Milton Coelho da. *Op.cit*.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ DE LUCA, Cristina: depoimento [20-02-2003]. Entrevistadora: Ronize Aline Matos de Abreu. Rio de Janeiro: Coppe/UFRJ, 2004. 1 mini-fita cassete (120 min).